

nômades e fortes

nós, que fomos

fomos.

até me parecer mais que suficiente,

até eu ver que já não éramos

e duvidar que eu era

— mas eu era.

se viermos a ser

somos

de novo

gostava muito que não parecesse jamais suficiente

pra não se esvair aquele quê

insatisfeito, ausência-vazio

cujo esgotamento-preenchimento

nos levaria ao fim.

sempre nosso

“Antes de você ser, eu sou

Eu sou, eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés”

(Moraes Moreira e Galvão)

o amor

que se projeta

que se idealiza

que se dissolve

depois de transbordar

o amor

que se aprende a dar

de alguns jeitos

pra algumas pessoas

que alimenta expande vibra

peito arfante

pelos no contrafluxo

pulsando

esse amor é seu.

está em você.

não se acaba, se transporta

move-se corredeira, córrego, rio, mar

pode até secar

mas é seu

é nosso.

o amor é sempre nosso

sempre nosso.

os outros...

são outra história.

espera

aguardei por muitos dias

uma mensagem sua.

no dia em que eu soube que

tanto fazia se ela chegaria ou não,

vi o mundo sob outra ótica

não era questão da mensagem vir,

nem mesmo de seu conteúdo

era sobre a minha espera:

o que eu estava esperando

nunca chegaria com você.

bom mesmo foi chegar

em mim mesma

— e gostar.

encontros

no momento

em que a onda

que-

bra-

da

se choca contra a areia

e se esparrama pelo chão à sua frente

eu a observo:

peito aberto

tête-à-tête

nesse momento,

por um instante,

nossos segundos

se encontram

(nossos segundos, também)

seus respingos me tocam

o ar que ela movimenta me sopra

posso ver lá dentro

(como se a janela de uma casa acolhedora

pela qual, da rua, se vê

quadros, poltrona

uma luz amarela ao lado da planta,

de repente te convidasse pra entrar)

um instante e posso imaginar

toda a minha vida ali.